

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

EDUARDO DE ASSIS OLIVEIRA

CANDOMBLÉ CULTURA VIVA:

**Impacto político e cultural na formação da sociedade
brasileira**

Niterói, RJ
2013

EDUARDO DE ASSIS OLIVEIRA

CANDOMBLÉ CULTURA VIVA:

**Impacto político e cultural na formação da sociedade
brasileira**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em produção cultural da
Universidade Federal Fluminense como
requisito para obtenção do Grau de
Bacharel.

Orientador Prof. Dr. WALLACE DE DEUS

**Niterói, RJ
2013**

EDUARDO DE ASSIS OLIVEIRA

CANDOMBLÉ CULTURA VIVA:**Impacto político e cultural na formação da sociedade brasileira**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em produção cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Wallace de Deus (orientador)
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Luiz Mendonça
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Lucia Bravo
UFF – Universidade Federal Fluminense

Aprovado em ____ de _____ 2013

Niterói, RJ
2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos Orixás que me ajudaram a escolher o meu tema e buscar informações que justificassem a pesquisa.

Ao professor e orientador Wallace de Deus, pelo acompanhamento e revisão do presente trabalho, aos professores Luiz Mendonça e Lucia Bravo, pela participação na Banca examinadora,

À minha família, em especial a minha esposa que acompanhou todos os momentos da minha pesquisa.

Ao amigo Leonardo Minervini que auxiliou na revisão gramatical.

“O Candomblé sobrevive até hoje porque não quer convencer as pessoas sobre uma verdade absoluta, ao contrario da maioria das religiões”.

Pierre Verger

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de buscar o entendimento do candomblé para além da religião, ou seja, como uma expressão cultural autêntica que colaborou e continua influenciando a formação cultural brasileira. Percebendo que se faz necessário uma aproximação do fazer com o universo acadêmico, o estudo visa proporcionar às pessoas que possuem algum interesse a respeito do assunto um conhecimento teórico, discutindo temas abordados pelo antropólogo Pierre Fatumbi Verge na década de 1950 e contrapondo com um trabalho de campo no terreiro *Ilê àse obá Barú*.

Palavra chave: candomblé, cultura, formação cultural brasileira.

ABSTRACT

The present study aims to search the Candomblé understanding beyond of religion, ie, as a autentic cultural expression that's collaborated as stile to influencethe brasilian cultural formation. Knowing it is necessay to aproximate the to do with academic universe, the study target to provide the people who's have some interest of the abstract na teoric knowledge, discussi themes covered by cultural antropologist Pierre Fatumbi Verger in the 1950 century and confronting with as fild work in the Ilê àse Obá Barú house.

Key word: Candomblé, culture, brasilian cultural formation

SUMÁRIO

- 1.0 Introdução
- 2.0 Contextualizando o Candomblé
- 3.0 A influência africana no Brasil
- 4.0 O sistema de crenças
- 5.0 Os orixás e o sincretismo
 - 5.1 Exú
 - 5.2 Ogun
 - 5.3 Oxóssi
 - 5.4 Logunedé
 - 5.5 Ossaim
 - 5.6 Xangô
 - 5.7 Obaluaê
 - 5.8 Iansã
 - 5.9 Oxum
 - 5.10 Yemanjá
 - 5.11 Obá
 - 5.12 Iroco
 - 5.13 Oxumaré
 - 5.14 Ibeji
 - 5.15 Nanã buruku
 - 5.16 Oxalá
- 6.0 Arquétipos dos Orixás
- 7.0 A importância social para a iniciação no candomblé
 - 7.1 A iniciação na origem africana.
 - 7.2 O reconhecimento do indivíduo como membro da comunidade do candomblé no Brasil.
 - 7.3 A consagração no ilé asé obá Barú

8.0 Conclusão

9.0 Referências bibliográficas

10 Anexos

Introdução

Quando os portugueses colonizaram o Brasil e trouxeram escravos provindos estrategicamente de diferentes regiões africanas, com o objetivo de desentendimento mútuo e de evitar uma possível organização de resistência, não poderiam imaginar a consequência deste convívio após centenas de anos, onde estes escravos buscaram uma forma própria de relacionamento e instituição de uma religião negra com um panteão de deuses africanos que foi a matriz das religiões afrodescendentes.

Este trabalho tem por intuito fazer uma análise exatamente de uma das formas de cultuar aos deuses africanos que recebeu o nome de Candomblé, e será avaliado através de seu entendimento como uma manifestação cultural e religiosa viva que exerce influencia sobre o meio e recebe influencia do mesmo, apresentando em constante processo de mutação e contribuindo para a formação cultural do povo brasileiro trazendo contribuições e se apropriando de novos elementos.

“Apesar das diferenças e por causa delas, nós sempre nos reconhecemos nos outros e eu estou inclinado a acreditar que a distancia é o elemento fundamental na percepção da igualdade entre os homens. Deste modo, quando vejo um costume diferente é que acabo reconhecendo, pelo contraste, meu próprio costume.” (Da Matta, Roberto, p. 26)

A pesquisa tem como base os estudos realizados por Pierre Fatumbi Verger na década de 1950, e um trabalho de campo, no qual será descrita a minha experiência de iniciação no candomblé como *Ogan de Xangô*, além dos ritos e convivência da comunidade do terreiro *Ilê à se obá Barú*, localizada no bairro do Pacheco, na cidade de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro.

O Candomblé é uma religião na qual a data exata de surgimento não é conhecida, pois no período colonial brasileiro a única religião permitida neste território era a Católica. Durante o século XIX as posturas da época tinham orientações voltadas a discriminar e proibir expressamente religiões de matriz africanas.

“Ao longo de mais de um século, em diferentes partes do país, terreiros foram invadidos, depredados e fechados, pais e filhos de santo, presos, objetos sagrados profanados, apreendidos e destruídos. Isso obrigou o candomblé a se esconder, buscando lugares distantes, às vezes no meio do mato, para poder realizar suas cerimônias em paz,

transformou-se numa religião de muitos segredos, pois tudo tinha que ocultar dos olhares impiedosos da sociedade branca” (Prandi 2009, p.51)

Seus primeiros registros datam do início do século XIX, com relatos de aparições do termo candomblé em jornais da época e em relatórios policiais:

“Foram presos e colocados à disposição da policia Cristóvão Francisco Tavares, Escolástica Maria da Conceição... que estavam num local chamado engenho velho numa reunião que chamavam de candomblé” Apud Verger, p. 29 Orixás 6º edição 2002

A palavra Candomblé, que designa na Bahia as religiões africanas em geral, é de origem banto, que constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana. É provável que as influências das religiões não se limitem apenas aos nomes das cerimônias, mas tenham dado ao culto gêge e nagô, na Bahia, uma forma que os diferencia das manifestações ocorridas na África. Assim, é cabível dizer que esta religião nasce no Brasil com forma e expressões próprias.

Esta nova forma de cultura carrega em sua matriz cultural um conjunto de usos, ideias e valores morais transmitidos de geração em geração, através dos cantos, das danças e dos ritos, este trabalho visa comentar aspectos inerentes ao culto aos orixás, destacando os de origem Iorubá da nação *Ketu* enfatizando aspectos como a origem, a diferença do culto praticado na África e no Brasil, as relações sociais no terreiro de candomblé e a importância cultural da introdução ao estudo da cultura de origem afro.

Contextualizando o Candomblé

Na África cada orixá estava ligado diretamente a uma sociedade, que podia ser uma cidade ou até mesmo um país inteiro. Quando foram dissolvidas as relações sociais existentes na África, o orixá passou a ter um caráter individual, ligado à sorte do escravo. No velho continente o sistema de crenças estava ligado à região geográfica, o orixá Xangô em *Oyó*, hoje região da Nigéria ocidental, *Yemanjá* na região de *Egbá* região leste da Nigéria, *Ogun* em *Ekiti* localizado no suldoeste da Nigéria, entre outros.

“Os navios negreiros transportaram através do atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizada no Novo mundo, como também a sua personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças. As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas às duras provas... e deviam curvar a doutrina religiosa do seu mestre” (Verger, 2002, p.23)

No Brasil, com a perda da referencia espacial e familiar após o longo período de tráfico de escravos e êxodo forçado. A cultura milenar enraizada no povo africano teve que se adaptar e moldar a realidade local. No Brasil surgiu uma nova sociedade, fruto da união das comunidades africanas, cujo nome se deu Candomblé. Este foi formado e transformado no contexto cultural e social católico brasileiro do século XIX. Os orixás foram sincretizados com os santos da igreja, sendo difícil precisar o momento exato do sincretismo, mas certamente foi uma forma encontrada para continuar com o culto aos ancestrais sem os membros serem perseguidos.

“Aqui na Bahia, como em todas as missões de catequese dos negros africanos, sejam elas católicas, protestantes ou maometana, longe de o negro converte-se ao catolicismo, protestantismo ou islamismo, acontece, ao contrário influenciá-los com seu fetichismo e adaptá-los ao animismo do negro” (Rodrigues ,Nina, o animismo fetichista dos negros bahianos1935)

Os ideais e as manifestações culturais forma além do cenário religioso perpassando por diferentes campos sociais.

A influência africana no Brasil

O Brasil é o país que tem a maior população de origem africana fora do continente africano, foi o país que mais recebeu escravos vindos da África no período de colonização e este é um dos motivos da grande influencia na formação cultural brasileira. Esta influencia da cultura africana não ficou limitada apenas a religião. Dança música, culinária e idioma receberam influencia que permanecem no Brasil sendo resignificada a todo o momento.

Na música temos alguns ritmos como; congadas, samba e jongo, mas o samba certamente merece um destaque maior, surgido da mistura de estilos musicais de origem africana, o samba se desenvolveu no Rio de Janeiro a partir de redutos negros, como a praça onze e o bairro da saúde.

“Nada mais propício para o samba carioca, mais tarde tido como brasileiro, finalmente se definir como estilo musical. Em sua própria cidade, já havia as rádios, as gravadoras e o interesse político que facilitariam sua adoção como moda em qualquer cidade brasileira. O samba tem tudo a seu dispor para se transformar em musica nacional”
Vianna, Hermano. O mistério do samba p. 110, 1995.

A partir de 1920 com o ideal de formação da identidade nacional, segundo Hermano Vianna em seu livro *O Mistério do Samba*, este estilo musical passa a representar a identidade cultural do brasileiro.

Na dança foram introduzidas características como a sensualidade, o ritmo rico e encorpado marcado com a batida dos pés no chão, muito mais que uma dança específica foi à mudança de paradigma introduzindo uma nova forma de dançar.

A dança africana é parte essencial da vida nas comunidades afrodescendentes, por isso é quase sempre uma atividade grupal, onde os participantes batem na palma da mão e formam círculos em volta das pessoas. Em sua maioria todos os membros participam sem distinção de sexo ou idade, na África todos os acontecimentos são comemorados com dança.

A roda de capoeira é um exemplo, pois foi desenvolvida por escravos, sendo uma forma de expressão corporal que mistura dança, luta e música, a capoeira consiste em uma roda onde os capoeiristas ficam batendo na palma no ritmo do berimbau (instrumento de corda introduzido pela cultura africana) e cantando a música enquanto duas pessoas se confrontam no centro da roda, outro exemplo marcante é a dança do Jongo onde os participantes formam uma grande roda e seguidos pelo ritmo da percussão dançam, a todo o momento temos um casal no centro da roda que muda, não havendo uma ordem, regra, de quem irá dançar.

Na culinária temos grande influência já que a mão que mexeu o caldo da formação culinária durante todo o período colonial foi negra, escravos que trabalhavam na cozinha da casa grande, como disse Gilberto Freyre. “a negra fez com a comida o mesmo que fez com a língua” misturando tudo.

Nos séculos de escravidão, a cozinha era o espaço de uma convivência mais harmoniosa dentro da estrutura profundamente opressora do regime, e por uma necessidade de ter com quem conversar as crianças e sinhás iam para a cozinha.

A influência africana na culinária atuou em dois segmentos, no modo de preparar a comida e nos ingredientes usados. Os africanos preferiam assar os ingredientes, como o sal era caro eles utilizavam de temperos, em especial a pimenta. A marca africana é profunda, introduziu pratos como vatapá, caruru, acarajé o uso do

azeite-de-dendê e leite de coco. Uma invenção, que assim como o samba faz parte da construção da identidade nacional é a feijoada.

O sistema de crenças

O Candomblé é uma religião brasileira que tem como matriz cultural as diferentes experiências religiosas trazidas da África, principalmente da região da Nigéria, Daomé e Togo. A preservação desta cultura ao longo do tempo deu-se através das palavras faladas, onde as diversas gerações utilizaram de cantos, mitos e rituais para explicar os fundamentos do culto.

“Os mitos, nos ritos do candomblé, não só explicam como procuram dar sentido às coisas realizadas. Muitas vezes esses mitos são apresentados em forma de cânticos, numa narrativa de acontecimentos primordiais que visam possibilitar a vinda das divindades, estimulando suas danças com movimentos e gestos que ressaltam esses acontecimento” (Beniste, José p.19)

Para entender as relações existentes se faz necessário uma busca por alguns mitos, pois a explicação para as ações da criação do mundo, da função social dos Orixás e de todas as relações que permeiam a vida são explicados ou seguem uma releitura dos mitos.

“Para alguns estudiosos, o mito é anterior ao rito, como tentativa de explicar os fenômenos da natureza. Dizendo melhor: o mito surge a partir do momento em que as lembranças começam a ser esquecidas” (Beniste, José p.31).

Neste capítulo estarei utilizando uma definição segundo o professor Mircea Eliade em seu livro *Mito e realidade* onde ele afirma que há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito como uma “história verdadeira” extremamente preciosa por seu caráter sagrado.

“o mito conta uma história sagrada ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças as façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passa a existir.”

Segundo a Mitologia Iorubá, no início dos tempos existia dois mundos paralelos, o espaço sagrado aos Orixás, Orum e um local constituído de água e caos, *Aiyê*. Acima existe um deus supremo, *Olódrun* também chamado de *Olódùmarè*, não existe um

consenso entre todos os autores, porém é relevante a existência de uma divindade que reina entre os orixás.

Olòòrun criou os orixás para governar e supervisionar o mundo, a eles deu a função de criar os homens que passariam a viver no *Aiyê*, e tornar este lugar harmonioso. Os Orixás poderiam transitar entre os dois mundos, respondendo sempre que evocado, por alguns homens que aprenderam os rituais, a fim de consultar as divindades sempre que havendo discórdia. Os Iorubás, assim como grande parte dos grupos africanos, crêem na existência dos antepassados, vivendo no *Orum* após a morte, logo a morte não representa simplesmente o fim da vida, muito menos em uma extinção, mas na mudança de um estado físico para outro imaterial.

A religião dos orixás está ligada a noção de família, o orixá pode ser caracterizado com um ancestral divinizado, que cometeu grandes feitos em sua vida, sendo lembrado por atos heróicos. E após a sua morte lhe foi dado o direito de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão.

“Somente alcançará condição de Ancestral com merecimento de culto, possuidores de um àse muito forte, que em momentos de grande sentimento, como a raiva ou paixão, possam emanar uma grande enegia capaz de gerar uma metamorfose onde o que éra material desaparece e resta apenas o àse, poder em estado de energia pura.”
(Verger, *Orixás*, p.19).

O orixá só torna-se perceptível aos seres humanos quando se manifesta através da possessão em um deles, a este escolhido é dado ao nome de *elégùn*, que será escolhido pelo orixá e preparado, passando por um processo de iniciação. O ancestral divinizado, incorporado, reencontra sua antiga personalidade, voltando durante a cerimonia de evocação para dançar e aconselhar seus descendentes ouvem as suas queixas, aconselham, concedem graças, resolvem as desavenças e dão remédios para as suas dores e consolo para os seus infortúnios. O mundo celeste não esta distante, nem superior, e o crente pode conversar diretamente com os deuses e aproveitar da sua benevolência.

Conhecer os mitos ajuda a entender algumas atitudes dentro do grupo, pois o mito fornece o modelo para a conduta da comunidade.

Os orixás e o sincretismo

Segundo Pierre Verger em seu livro Orixás, a melhor definição para orixá seria:

(...) em princípio um ancestral divinizado, que em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças das naturezas, como o trovão, o vento, as águas doces e salgadas, ou então, assegurando a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. (Verger, Orixás, p.18).

No dicionário Aurélio:

“orixás[Do ior.orisha.] substantivo de dois gêneros.1.Entre os iorubás e nos ritos religiosos afro-brasileiros, como o candomblé, a umbanda, etc., personificação das forças da natureza ou ancestral divinizado que, em vida, obteve controle sobre essas forças; guia, encantado.”

Na África existem mais de 400 orixás, mas no Brasil são cultuados 16 orixás, não sendo uma regra, pois pode haver alguma variação dependendo da casa de santo. Os 16 orixás cultuado pelo candomblé ketu são:

Exú

É um orixá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente. De caráter irascível, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com estas características o compararam com o Diabo católico. No entanto Exu possui o lado bom e, se ele é tratado com respeito reage favoravelmente mostrando-se prestativo e serviçal.

Este orixá revela-se desta maneira o mais humano dos deuses, nem completamente mau nem completamente bom.

Existem varias lendas e mitos dos orixás, sempre para explicar uma ação ou justificar uma atitude, lendas passadas algumas vezes através da tradição oral e por alguns autores como José Beniste em seu livro *Mitos Yorubás* e Reginaldo Pranti em *Mitologia dos Orixás*.

Conta uma das lendas yorubás, que *Orunmilá* tinha três filhos: Ogum, Xangô e Exú. Este último era muito briguento, vivia lutando. Ele era diferente porque não era filho de Yemanjá, deusa do mar, mas de Oxum, deusa do oráculo e da adivinhação. Um dia, Exú disse a mãe que estava com fome e queria comer um animal doméstico, ela consentiu, mas a fome não passou. Ele comia tudo o que via pela frente: árvores, pastos, animais, chegou até mesmo comer o mar. Quando estava para comer o céu, *Orunmilá* ordenou a Ogum que matasse o irmão. Assim foi feito, e a paz voltou a reinar temporariamente.

Depois disso, o pouco que sobrou dos rebanhos foi dizimado pelas pestes, as colheitas não produziam frutos e os homens caíram doentes. Um sacerdote de *Ifá* (adivinhação) consultou o *Opelê Ifá* (instrumentos para consultar aos deuses) e este respondeu que Exú estava com ciúmes e queria mais atenção, mesmo em forma de espírito. Desse dia em diante, nenhuma oferenda foi possível sem que Exú fosse servido em primeiro lugar.

Este mito representa a força que Exú tem e o porquê de ser cultuado sempre em primeiro lugar nas festas e nos rituais do candomblé.

No Brasil Exú foi sincretizado como o Diabo, na mitologia greco-romana pode ser comparado com Hermes ou Mercúrio.

Ogun

É conhecido como deus dos guerreiros. A importância de ogum vem do fato de ser ele um dos mais antigos dos deuses iorubas e, também em virtude de sua ligação com o ferro e com aqueles que o utilizam no trabalho. Ogum é provavelmente o deus Yorubá mais temido.

Na Terra criada por *Obatalá*, em *Ifé*, os orixás e os seres humanos trabalhavam e viviam em igualdade. Todos caçavam e plantavam usando frágeis instrumentos feitos de madeira, pedra ou metal mole. Por isso o trabalho exigia grande esforço. Com o aumento da população de *Ifé*, a comida andava escassa e se fez necessário plantar um área maior. Os orixás então se reuniram para decidir com fariam para remover as árvores do terreno e aumentar a área da lavoura. *Ossaim*, o orixá da medicina, dispôs-se a ir primeiro e limpar o terreno. Mas seu facão era de metal mole e ele não foi bem sucedido.

Do mesmo modo que *Ossaim*, todos os outros orixás tentaram, um por um, e fracassaram na tarefa de limpar o terreno para o plantio. *Ogum*, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então. Quando todos os outros orixás tinham fracassado, *Ogum* pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno. Os orixás admirados, perguntaram a *Ogum* de que matéria era feito tão resistente facão. *Ogum* respondeu que era de ferro, um segredo recebido de *Olódún*. Os orixás invejavam *Ogum* pelos benefícios que o ferro trazia, não só à agricultura, como também a caça e a guerra.

Por muito tempo os orixás importunaram *Ogum* para saber o segredo do ferro, mas ele mantinha o segredo só para si. Os orixás decidiram então oferecer-lhe reinados em troca de que ele lhes ensinasse tudo sobre aquele metal tão resistente. Os humanos também vieram a *Ogum* pedir-lhe o conhecimento do ferro. E *Ogum* lhes deu o conhecimento da forja, até o dia em que todo caçador e todo guerreiro tiveram sua lança de ferro. Mas, apesar de *Ogum* ter aceitado o comando dos orixás, porém *ogum* era um guerreiro.

Certa ocasião, *Ogum* saiu para caçar e passou muitos dias fora numa difícil temporada. Quando voltou da mata, estava sujo e maltrapilho. Os orixás não gostaram de ver seu líder naquele estado. Eles o desprezaram e decidiram destituí-lo do reinado.

Ogum se decepcionou com os orixás, pegou suas armas e partiu. *Ogum* escolheu viver longe e em vigilância.

Este mito explica a importância do Orixá *Ogum* nos rituais do candomblé, pois todos os ritos que são usados instrumentos de metais, primeiro se cultua *Ogum*. No

Brasil foi sincretizado como Santo Antônio de Pádua na Bahia e São Jorge no Rio de Janeiro, na mitologia greco-romana pode ser relacionado ao Deus Marte ou Ares.

Oxóssi

É o orixá da caça e da fartura, o deus dos caçadores. Oxóssi é o rei de *Ketu*, a origem da dinastia, a ele é conferido o título de dono da terra, pois na África cabia ao caçador descobrir o local para instalar uma nova aldeia, tornando-se assim o primeiro ocupante do lugar.

Uma das lendas conta que em uma de suas inúmeras caçadas, sem que tivesse consultado antes *Ifá*, encontrou uma cobra no mato – Oxumarê. Ela lhe diz que não pode ser morta por ele, pois não é um bicho de penas, ele pouco se importou com o aviso, e matou-a com a lança, cortando-a em diversos pedaços e levando para casa para ele mesmo preparar um guisado, com o qual se refastelou. No dia seguinte, Oxum, sua esposa, prevendo muitas catástrofes, por causa da quebra de tantos tabus, saiu a sua procura e encontrou deitado no chão morto e rastros de cobra que iam em direção à floresta. Oxum chorou tanto e tão alto que *Orumilá*, condoído pela sua dor, fez *Odé*, o caçador, renascer sob a forma divina de Oxóssi, com responsabilidade de cuidar de todos que forem caçar na floresta.

No Brasil foi sincretizado com São Jorge na Bahia e São Sebastião no Rio de Janeiro, na mitologia greco-romana pode ser relacionado com as deusas caçadoras Diana ou Artemis.

Logunedé

É filho de Oxóssi e Oxum, tem como característica viver seis meses do ano sobre a terra, comendo caça e seis meses, sob a água de um rio, comendo peixe. Ele seria também alternadamente do sexo masculino e feminino.

Possui a característica de unir o feminino de Oxum ao masculino de Oxóssi, muitas vezes o leva a ser representado como uma criança, um menino pequeno ou adolescente. Simultaneamente caçador e pescador, Logunedé é o herdeiro dos axés de Oxum e Oxóssi que se fundem e se mesclam como mistério da criação, trata-se de um orixá que tem a graça, a meiguice e a faceirice de Oxum à alegria, à expansão de Oxóssi. Se Oxum confere a Logunedé axés sobre a sexualidade, a maternidade, a pesca e a prosperidade, Oxóssi lhe passa os axés da fartura, da caça, da habilidade, do conhecimento.

É sincretizado como santo Expedito, na mitologia greco-romana pode se relacionar como Hermafrodito ou Narciso.

Ossaim

Divindade das plantas medicinais e litúrgicas. A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do poder, imprescindível até para os outros orixás.

Ossaim, segundo as lendas é o filho caçula de Yemanjá e Oxalá e, desde pequeno vivia no mato. Tinha uma habilidade especial para tratar qualquer doença, por isso viajava pelo mundo inteiro, sendo sempre recebido com carinho pelo rei de cada tribo. Recebeu de *Olodumaré* o segredo das folhas; assim, sabia qual delas curava doenças, trazia vigor ou deixava as pessoas mais calmas. Os outros orixás invejavam o irmão, pois não tinham esse poder e dependiam de Ossaim para ter sucesso, ele cobrava por qualquer trabalho, aceitando mel, fumo e cachaça como pagamento pelas curas que realizava. Xangô, que era temperamental, não admitia depender dos serviços de Ossaim, e por isso pediu a sua esposa Yansã, orixá que domina os ventos, para que as folhas voassem em direção a todos os orixás, para que quem pegasse pudesse exercer domínio. Em meio a ventania, Ossaim repetia um encantamento, que significa "oh, folhas!". e com esse tipo de reza, evitou que seu poder fosse distribuído entre os irmãos, pois só ele conhecia o axé de cada uma delas e o segredo de pronunciar essas palavras de maneira a conservar o poder. Com sua sabedoria, até hoje permanece o rei da floresta, sendo considerado o orixá da medicina.

No Brasil foi sincretizado como São Roque, é associado ao saci Pererê do folclore e na mitologia greco-romana pode ser comparado ao filho de Apolo, Asclépio.

Xangô

Xangô teria sido o terceiro rei de *Oyó*, cidade africana, foi um rei guerreiro, o seu trabalho entre os homens é cobrar de quem deve e premiar a quem merece ,sendo o orixá da justiça.

Contam os mitos que Xangô era forte, valente, destemido e justo. Era temido, e ao mesmo tempo adorado. Comportou-se em algumas vezes como tirano, devido a sua ânsia de poder, chegando até mesmo a destronar seu próprio irmão, para satisfazer seu desejo. Filho de Yamasse e de Oraniã, Xangô foi o regente mais poderoso do povo Ioruba. Ele tem uma ligação muito forte com as árvores e a natureza, vindo daí os objetos que ele mais gosta e que se tornaram parte dos assentamentos de santo no Brasil, o pilão e a gamela; o pilão de Xangô deve ter duas bocas, que representam a livre passagem entre os mundos, sendo Xangô um ancestral. Da natureza, ele conseguiu profundos conhecimentos e poderes de feitiçaria, que somente eram usados quando necessário.

É o orixá dos raios e trovões, foi sincretizado como São João Batista e São Gerônimo, na mitologia greco-romana pode ser representado como Zeus ou Jupiter.

Obaluaê

Rei dono da terra, deus das doenças e das curas, ele pune os malfeitores e insolentes enviando-lhes as doenças.

Obaluaê vivia na floresta separada dos outros orixás, pois todos acreditavam que ele era um ser muito feio e com muitas chagas, certa vez *Obaluaê* estava em uma festa onde nenhuma das mulheres presentes desejava dançar com ele, que estava coberto por uma roupa de fibra natural da cabeça aos pés, foi quando Iansã chegou indiferente á superfície aparente, e aceitou o convite como parceiro de dança. O vendo provocado pelo movimento da Deusa ao dançar fez com que as fibras da roupa de *Obaluaê* se levantassem e ele se revelou um ser de divinal beleza. Reconhecido, o deus permitiu que Iansã passasse a frequentar a sua casa- a secreta mansão dos mortos- e desde então ela é a única mulher a servir de mensageira entre as distintas dimensões da existência. (*texto retirado do livro Reginaldo Pranti, Mitologia. p.308*).

Foi sincretizado como São Lazaro, na mitologia greco-romana pode ser comparado com o Deus da cura Esculapio.

Iansã

É a divindade dos ventos, das tempestades é conhecida pelo nome *Oya*, pela referencia ao rio Níger, que em Yorubá chamasse *Odò Oya*. Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Em um de seus mitos José Beniste explica o porque *Oya* se tornou a dona do cemitério.

Olófin reinava em *Ifè* e tinha uma filha chamada *Oya*, que era desejada por *Ìkú*, a Morte, ele era muito feio e estava sempre disposto a fazer o mal às pessoas. Seu costume preferido era levar qualquer pessoa para o cemitério, de onde ela nunca mais regressava. Certo dia *Ikú* foi ao palácio de *Olófin* e revelou o seu desejo de casar com *Oya*, fazendo uma proposta, de entregar ao Rei um grande conhecedor de todos os poderes, *Àworó*, para ser seu cervo, *Olófin* aceitou sem acreditar que seria possível.

Àworó era um homem de poucos amigos, pois estava sempre ocupado sendo prestativo com os Orixás, entre os seus amigos estavam o Ogam e o Carneiro. *Ìkú* ficou pensando em como cumprir com o prometido, quando no caminho encontrou o Carneiro, vindo em sua direção. Aproveitou a oportunidade, contou-lhe a conversa que havia tido com *Olófin* e lhe fez uma promessa: “se me ajudares eu asseguro que nunca te levarei para o cemitério, nunca morrerás”. O Carneiro, apesar de amigo de *Àworó*, aceitou a proposta, mas precisaria da ajuda do Ogam, a quem deveria se estender a proposta.

Neste meio tempo, *Oya* tomou conhecimento e foi consultar a *Orúnmilà*, este disse “*Ìkú* poderá até conseguir o que deseja, mas a traição dos amigos porá tudo a perder. Você, porém poderá salva-lo se for ao cemitério e enfrentar a *Ìkú*”

O Carneiro e o Ogam foram à casa de *Àworó* levando um doce de coco, pois sabia que ele gostava muito deste doce, e com esta desculpa agarraram e levaram *Àworó* para o cemitério.

No momento de ser entregue, surgiu entre os dois *Oya*, em meio a ruídos de raios, coriscos e ventanias, assustando a todos que saíram correndo. O Carneiro ao sair correndo passou pelo palácio de *Olófin* que ao velo correndo suspeitou de algo e

mandou seus guarda prenderem, ele contou toda a história e *Olófin* mandou que todos fossem presos. Ao tê-los todos a sua frente, falou-les: *Ìkú* com sua maneira habitual de conseguir as coisas, o que de outra forma seria impossível, eu te condeno a que, de hoje em diante, não tenha amigos, nem bens, nem casa, nem nada. Que nunca seja bem vindo em lugar nenhum. Carneiro, tu traíste o teu melhor amigo por querer a vida eterna, serás o primeiro a morrer todas as vezes que um Orixá necessitar de ti. Quanto ao Ogam, será condenado a não descansar nunca e estar sempre a frente em todos os trabalhos, sempre que for solicitado. Por ultimo se dirigiu a Oya, Salvaste a vida de *Àworó* e demonstraste a falsidade de dois amigos, mas, sobretudo perdeste o medo de *Ìkú*. De hoje em diante serás a dona do cemitério e tudo que estiver dentro dele. *Ìkú*, que quis faze-te mulher dele, será teu escravo e trabalhará para ti eternamente. (*Beniste, José, Mitos Yorubás, p 139á143*).

Este mito é importante, pois explica como Iansã ganha o domínio do cemitério e algumas funções básicas da religião.

Iansã foi sincretizada como Santa Barbará em todo território brasileiro, e na mitologia greco-romana pode ser comparada a deusa Juno.

Oxum

É a divindade do rio de mesmo nome que corre na Nigéria, é a segunda mulher de xangô. Ela controla o dom da fertilidade, por este motivo as mulheres que quere em ter filhos procuram sua ajuda. Conta uma das lendas de Oxum que os homens estavam devastados pela fome desde que *Ogun*, cansado do seu trabalho de ferreiro na cidade, embrenhou-se na floresta, de onde não desejava mais sair. Ocorre que sem os conhecimentos de Ogum sobre os metais, não havia mais foices, nem arados, e os alimentos foram se acabando. Todos os poderosos orixás já tinham, sem sucesso, tentado convencer Ogum a voltar para a cidade, quando a frágil Oxum apresentou-se para a tarefa. Desacreditada, a ninfa, coberta apenas por cinco véus atados na cintura, aproximou-se de Ogum na floresta e movendo o corpo com elegância, despertou o desejo do guerreiro. Seus lábios eram cobertos com mel, enquanto uma brisa levava seu perfume atraente e levantava docemente suas saias, revelando formas irremediavelmente cativantes. Movido pelos sentidos, Ogum foi sendo levado em direção a cidade pela magia daquela mulher. Descuidado, já no meio da praça central, ele foi recebido com alegria pelo povo. Desde aquele dia não houve mais fome entre os

homens, pois, “Oxum salvara a humanidade com a sua dança de amor”. (*Pranti, Reginaldo, Mitologia p.321á323*).

Oxum foi sincretizada como nossa Senhora da Conceição e nossa Senhora dos Prazeres, na mitologia greco-romana tem a mesma representação que a deusa Afrodite.

Yemanjá

É a rainha protetora das águas salgadas, considerada como mãe de todos os orixás, regente dos lares, é aquela segura a cabeça dos recém-nascidos na hora de sua chegada, seu nome deriva de *Yèyè omo ejá* “mãe cujos filhos são peixes”.

Uma das lendas desta deusa conta que Iemanjá casou-se com seu irmão *Aganju* e com ele teve um filho chamado *Orungan*. Durante uma das viagens do marido, Yemanjá foi forçada, pelo menino, ao incesto. Usurpada, ela abandonou o lar em desespero e em fuga, a deusa tombou-se sobre a terra e do seu ventre dilacerado num inchaço nasceram todos os outros orixás, ao mesmo tempo em que, das suas mamas fluíam as correntes das águas que formariam os rios e lagos nigerianos. Naquele lugar nasceu a cidade sagrada de *Ifé* dos povos iorubas da Nigéria.

No Brasil foi sincretizada como Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora das Cabeças e em alguns lugares como Nossa da Senhora da Conceição. Na mitologia greco-romana pode ser comparada com Hera.

Obá

Divindade do rio de mesmo nome, foi a terceira mulher de xangô, é um orixá feminino muito enérgico e de grande força física, desafiara e vencera na luta, suscetivelmente oxalá e xangô.

A lenda mais conhecida de Obá fala de uma ocasião em que, remordendo-se de ciúmes do apreço de Xangô pelas comidas preparadas por Oxum, ela questiona a rival sobre sua receita de uma sopa que haveria encantado o marido. Arditosa, Oxum envolve a cabeça com um grande turbante e convence a crédula Obá que os maravilhosos cogumelos silvestres que flutuavam úmidos e atraentes no caldo espesso, tratavam-se de

pedaços das suas orelhas, oferecidas em sacrifício de amor ao seu companheiro. Movida pelo desejo de agradar e pela rivalidade reprimida na alma, a imponderada Obá corta uma de suas orelhas e prepara a poção de amor ensinada pela astuta rival.

Ao saber do ocorrido Xangô se enfurece e, movido pelo asco e pela cólera, ele expulsa ambas as mulheres do seu convívio. Desde esta ocasião Obá e Oxum tornaram-se inimigas irreconciliáveis e, por isso, elas passam a eternidade em conflito constante no paraíso iorubá e na natureza terrestre dos terreiros de candomblé.

No Brasil foi sincretizada como Santa Catarina e Joana D'arc, na mitologia greco-romana pode ser comparada com Atenas a deusa guerreira.

Iroco

É um orixá implacável e inexorável, que governa o tempo e o espaço, árvore africana, divindade que acompanha determinando o início e o fim de tudo.

Conta uma de suas lendas que as mulheres da aldeia não engravidavam e tiveram a ideia de recorrer aos poderes de Iroco. Juntaram-se em círculo ao redor da árvore sagrada, tendo o cuidado de manter as costas voltadas para o tronco. Não ousavam olhar a grande planta, pois, os que olhavam Iroco de frente enlouqueciam e morriam. Suplicaram-lhe filhos e ele quis saber o que teria em troca.

Cada uma prometia o que o marido tinha para dar: milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros. Uma delas, chamada Olurombi, era a mulher do entalhador e seu marido não tinha nada daquilo para oferecer. Desesperada, prometeu dar a Iroco o primeiro filho que tivesse. Nove meses depois a aldeia alegrou-se com o choro de muitos recém-nascidos e as mães foram levar a Iroco suas oferendas. Olurombi contou a história ao marido, mas não pôde cumprir sua promessa. Ela e o marido apegaram-se demais ao menino prometido.

No dia da oferenda, Olurombi ficou de longe, segurando nos braços trémulos, temerosa, o filhinho tão querido. O tempo passou e ela mantinha a criança longe da árvore. Mas um belo dia passava Olurombi pelas imediações do Iroco, quando, no meio da estrada, bem na sua frente, saltou o temível espírito da árvore. Disse Iroco: “Tu me prometeste o menino e não cumpriste a palavra dada. Transformo-te então num pássaro, para que vivas sempre aprisionada em minha copa.” Transformou Olurombi num

pássaro que voou para a copa de Iroco para ali viver para sempre. O entalhador a procurou, em vão, por toda parte.

Todos os que passavam perto da árvore ouviam um pássaro que cantava, dizendo o nome de cada oferenda feita a Iroco. Até que um dia, quando o artesão passava perto dali, ele próprio escutou o tal pássaro, que cantava assim: “Uma prometeu milho e deu o milho; Outra prometeu inhame e trouxe inhames; Uma prometeu frutas e entregou as frutas; Outra deu o cabrito e outra, o carneiro, sempre conforme a promessa que foi feita. Só quem prometeu a criança não cumpriu o prometido.” Ouvindo o relato de uma história que julgava esquecida, o marido de Olurombi entendeu. Sim, só podia ser Olurombi, enfeitiçada por Iroco. Ele tinha que salvar sua mulher! Mas como, se amava tanto seu pequeno filho? Foi à floresta, escolheu o mais belo lenho de Iroco, levou-o para casa e começou a entalhar. Da madeira entalhada fez uma cópia do rebento, o mais perfeito boneco que jamais havia esculpido, com os doces traços do filho, sempre alegre, sempre sorridente. Poliu e pintou o boneco com esmero, preparando-o com a água perfumada das ervas sagradas. Vestiu a figura de pau com as melhores roupas do menino e a enfeitou com ricas joias de família e raros adornos. Quando pronto, ele levou o menino de pau a Iroco e o depositou aos pés da árvore sagrada. Iroco gostou muito do presente, o menino que tanto esperava! Sorria sempre, jamais se assustava quando seus olhos se cruzavam.

Não fugia como os demais não gritavam de pavor e nem lhe dava as costas, com medo de o olhar de frente. Embalando a criança, seu pequeno menino de pau, batia ritmadamente com os pés no solo e cantava animadamente. Devolveu a Olurombi a forma de mulher que, aliviada e feliz, voltou para casa e para o marido artesão e o filho, já crescido e livre da promessa.

Dias depois, os três levaram para Iroco muitas oferendas. Levaram ebós de milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros, laços de tecido de estampas coloridas para adornar o tronco da árvore. Eram presentes oferecidos por todos os membros da aldeia, felizes e contentes com o retorno de Olurombi.

Hoje nos terreiros de candomblé Iroko é um orixá raro, é cultuado em volta de uma árvore e todos fazem oferendas a Iroco.

No Brasil possui poucos filhos de santo e o sincretismo é pequeno, pois não é um orixá muito conhecido, mas podemos identifica-lo como São Pedro Nolasco, protetor dos prisioneiros, e na mitologia greco-romana pode ser associado à Gaia.

Oxumaré

É a serpente-arco-íris; suas funções são múltiplas, seu trabalho consiste em recolher a água caída depois das chuvas e retornar às nuvens. Oxumaré é a mobilidade e a atividade, tem a função de dirigir as forças do movimento.

Ele representa a riqueza, um dos benefícios mais apreciados pelo mundo dos iorubas. Conta a lenda que Oxumarê, filho de Nanã, a mais antiga das mulheres, era admirada por todos, por ser muito belo, todos invejavam o luxo de suas roupas coloridas. Um dia a chuva resolveu castigar a Terra; os rios se encheram, as doenças se espalharam e os animais começaram a morrer afogados. Oxumarê, que não tinha muita simpatia pela chuva, cortou o céu com seu punhal de prata e a fez parar. Desde então, toda vez que isso acontece, ele pode ser visto enfeitando o céu, sob a forma de um arco-íris. (*Pranti, Reginaldo, Oxumarê*)

No Brasil foi sincretizado como São Bartolomeu, na mitologia greco-romana pode se relacionar com a Deusa Iris que é representando como um arco-íris.

Ibeji

É o orixá criança, representado por duas divindades gêmeas infantis, por serem gêmeos são ligados a dualidade e por serem crianças a tudo que se inicia.

“A lenda e a história de Ibeji acontecem a cada momento feliz de uma criança estando sempre sendo reinventada (*Babalorixá Tomege do Ogum*)”. No Brasil foi identificado como São Cosme e São Damião.

Nanã buruku

É considerada a mais antiga das divindades das águas, não das ondas turbulentas como, iemanjá, ou das águas calmas de oxum, mas das águas paradas dos lagos e lamacentas dos pântanos. É considerada uma senhora e tem o domínio da morte. No Brasil foi sincretizada como Sant'ana, na mitologia greco-romana pode ser comparada com Nereu.

Oxalá

Ocupa uma posição de “o grande Orixá” o mais elevado dos deuses iorubas. Foi o primeiro a ser criado pelo deus supremo e recebeu a função de criar o mundo, de modelar o corpo dos homens. Foi sincretizado como Jesus Cristo em grande parte do Brasil e em parte da Bahia como Senhor do Bonfim, pode ser comparado com Prometeus na mitologia greco-romana.

Existem outros orixás que não vamos nos aprofundar neste trabalho, pois são considerados por alguns autores como variações das divindades e por não serem cultuados em um todo complexo.

Analisando as características dos orixás e o sincretismo entre santos católicos, percebemos que não existe uma rigidez, pois a correlação vem da matriz cultural de cada região, estando relacionado ao período histórico.

“A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião da família e influenciado pelas crendices da senzala”. (Freyre ,Gilberto, Op, cit. p. 56)

O importante é que a para os membros do candomblé os orixás são deuses que ganharam a tarefa de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas condições da vida. E assim como os santos católicos ou como os Deuses mitológicos greco-romanos. Todos protegem a humanidade e são o caminho para aproximar o divino e imaterial do material.

Arquétipos dos Orixás

Partindo do sentido usado por filósofos neoplatônicos adotei o termo Arquétipo para designar a ideia de modelo de todas as coisas existente estando em congruência com o sentido encontrado no candomblé, diferente da filosofia cristã, os orixás são os ancestrais da humanidade e cada pessoa é um reflexo do orixá ao qual pertence, existindo uma relação direta entre a pessoa e seu orixá. Assim cada pessoa pode ser analisada pela característica do seu santo.

O arquétipo de Exú, pessoas com caráter ambivalentes, ao mesmo tempo boas e más, com imensa capacidade de comunicação, extremamente dinâmicas, que tem a arte de inspirar confiança e podem facilmente abusar dela.

O arquétipo de Ogum é o das pessoas violentas, briguentas e impulsivas, incapazes de perdoarem as ofensas de quem foram vítimas. Perseguem energicamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente, possuem humor mutável passando de acesso de raiva a alegria sem explicação. Devido a sinceridade e franqueza são difíceis de serem odiadas.

O arquétipo de Oxóssi é de pessoas espertas, que tem uma inclinação para cuidar da família. São pessoas cheias de iniciativas, generosas e hospitaleiras.

O arquétipo de Logunedé possuem características de oxum e Oxóssi, ou seja, vaidoso com gosto pelo luxo, são objetivas, seguras e com iniciativas.

O arquétipo de Ossain, o da pessoa equilibrada capaz de controlar seus sentimentos e emoções, São frios e racionais em suas decisões, são pessoas que observam os detalhes e realizam suas atividades com muito capricho.

O arquétipo de Xangô, das pessoas voluntariosas e enérgicas, altivas conscientes de sua importância real ou suposta, das pessoas sensíveis ao charme do sexo oposto, procuram ser sempre justas.

O arquétipo de Obaluaê é o das pessoas com tendência masoquista, que gostam de exibir seus sofrimentos e as tristezas das quais tiram uma satisfação íntima, Pessoas que são incapazes de se sentirem satisfeitas quando a vida lhe confere tranquilidade, podem atingir situação econômica invejável e ainda assim rejeitar tudo, por causa de certos escrúpulos imaginários.

O arquétipo de Iansã, pessoa audaciosa, poderosa e autoritária, pode ser fiel e de lealdade absoluta em certas circunstâncias, mas que se contrariadas, deixa aflorar a mais extrema cólera. Quando não correspondidas amorosamente pode deixar seu temperamento sensual e voluptuoso leva-la a aventuras extremas.

O arquétipo de Oxum, pessoa graciosa e elegante, com paixão pelas jóias, perfumes e vestimentas caras. São símbolos do charme e da beleza e sob sua aparência graciosa escondem um grande desejo de ascensão social. São no geral pessoas ligadas a família.

Arquétipo de Iemanjá, pessoa forte, vigorosa fazem-se respeitar e são justas, mas formais, Preocupam-se com os outros são maternais e sérias, costumam muito a perdoar uma ofensa e se perdoam não esquecem jamais.

Arquétipo de Oba, com características viris, suas atitudes militantes e agressivas são consequência de experiências infelizes ou amargas. São pessoas ciumentas e encontram compensação para as frustrações no sucesso material.

Arquétipo de Iroko são pessoas extremamente calmas e ponderadas, porém com frequência ficam solitárias por serem incompreendidas, algumas vezes seu isolamento pode levar a ataques de loucura.

Arquétipo de Oxumaré, das pessoas que pretendem ser ricas que são pacientes e empreendedoras, com sucesso tornam-se facilmente orgulhosas e pomposas, mas não deixam de possuir generosidade e ajudar a quem precisa.

O arquétipo de Ibeji, pessoas com temperamento infantis, jovialmente inconsequentes, nunca deixam de ter dentro de si a criança que já foram. Costumam ser brincalhonas e muito dependentes nos relacionamentos.

Arquétipo de Nanã é o das pessoas que agem com calma, benevolência, dignidade e gentileza. Das pessoas lentas nos cumprimentos dos seus afazeres que julgam tem a eternidade para realizar seus trabalhos. Agem com segurança e sabedoria de um ancião.

Arquétipo de Oxalá, pessoas dignas de confiança, dotadas de força e em nenhuma circunstância modificam seus projetos e planos, mesmo com opiniões contrárias, racionais, alertando para a consequência.

A importância social para a iniciação no candomblé

“Rituais são bons para transmitir valores e conhecimento e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (Peirano, 2003:10)

O processo de iniciação cultural, ou rito de passagem significa o término de um ciclo e início de outro. No candomblé esta iniciação é a etapa mais importante para a comunidade em geral, para o iniciado é a certeza de fazer parte da comunidade e para a religião significa a continuidade do culto. Ao ser iniciado o filho de santo ganha o direito de participar de todas as etapas do culto aos orixás.

Dentro do candomblé uma vez perpetrado o processo de iniciação, a antiga vida perde toda a importância, sendo substituída em todos os seus aspectos pela nova família, a família-de-santo: Pai ou mãe de santo que representa a autoridade máxima dentro da sociedade, os filhos de santo, que são todos aqueles iniciados na religião, irmãos de santo que são as pessoas iniciadas pelo mesmo pai ou mãe de santo, irmãos de axé que são as pessoas feitas num mesmo terreiro, mas por pai de santo ou mãe de santo diferente, por alguma razão de sucessão no comando da casa.

A ligação estabelecida entre os membros de uma casa de santo, Terreiro de Candomblé, não é apenas uma representação de um estereótipo de grupo, perpassa o sentimento de indivíduo e busca o fortalecimento da comunidade, seguindo a ideia de que a sociedade é um todo que nos antecede, com poderes de guiar nossas vidas. As relações dentro de um terreiro de candomblé são complexas, baseadas em nível hierárquico, na qual o indivíduo passa a ter obrigações com a comunidade.

“Não ter comunidade significa Não ter proteção: alcançar a comunidade, se isso ocorre, poderá significar perder a liberdade” (Baumam, 2003:10)

Atualmente com a correria da vida moderna, esta ideia de entregar-se a comunidade, fica difusa tornando-se uma relação de constante atrito, um ponto de transformação que deve ser constantemente avaliado por alguns líderes espirituais, por apresentarem diversas opiniões a respeito do tempo de obrigação, os lugares de oferendas e todas as questões que perpassam por este contexto, no entanto a manutenção da rigidez do culto da unidade e identidade ao grupo.

“os cultos (ou rituais) são atos de sociedade, através deles, a sociedade toma consciência de si, se recria e se afirma.” (Peirano,2003:18)

É exatamente neste contexto de transformação dos rituais que se faz necessário o estudo e o registro de algumas comunidades que podem servir de referencia ou ponto de atrito entre o moderno e o tradicional. Assim a consciência coletiva da sociedade pode permanecer através dos tempos.

A iniciação na origem africana.

“Iniciação s.f. Ação ou efeito de iniciar ou iniciar-se. / Cerimônias pelas quais alguém era admitido ao conhecimento de certos mistérios nas religiões antigas e que acompanham hoje a admissão em diferentes sociedades secretas.”(Aurélio, Dicionário on line)

Na África, a iniciação dá-se por consulta ao orixá da adivinhação no momento do nascimento da criança, fazendo com que não existam dúvidas da função cultural do indivíduo. Este quando atinge a maturidade, e este pronto para assumir o compromisso, passa pela consagração.

Os futuros *elégún*, aquele que pode ser montado, possuído pelo orixá, vão para o local destinado a cerimonia dias antes do inicio do ritual, este lugar, às vezes chamado de “convento” por alguns autores, tem o nome de *igbó ikú*, “a floresta da morte”.

A permanência na *igbó ikú* simboliza a passagem para o além, a mudança da vida profana para o sagrado. Desde a estrada neste lugar o *elégún* faz uso de bebidas feitas a partir de infusões de folhas, cascas e raízes de arvores dedicadas ao orixá.

Na noite que antecede o ritual, acontece a vigília onde os primeiros convidados chegam, e conversam e se preparam. No primeiro dia os noviços são levados, por um cortejo com todos os membros do culto e seus convidados, há uma floresta onde apenas os iniciadores e os *elégún* entram para o ritual de substituição e purificação, este ritual foi descrito por Verger como:

“o iniciado é despido e seus trapos são jogados no fundo do buraco. Seu corpo é lavado com água contida na jarra e esfregado com a rodilha, os búzios, e o

pintadinho, que, não resistindo a esse tratamento, não demora a morrer. Tudo isso é depois jogado no buraco” (Verge, Orixás 2002:39)

No segundo dia é realizado o batismo de sangue onde cada noviço é apresentado com alguns animais que serão sacrificados; Galos, pombos, tartarugas, galinha d’angola e caracóis e tendo seu ápice com carneiro, o sangue é derramado sobre suas cabeças estreitando a relação com o orixá.

O terceiro dia o corpo do iniciado é marcado com traços de giz branco, chamado de *efun*, ritual em homenagem aos ancestrais que vestem a cor branca. Logo após ocorre a primeira aparição do iniciado em público. Este dança e depois volta ao seu local de descanso.

No sétimo dia ocorre semelhante ritual, porém o noviço é pintado com uma tinta azul, chamada de *waje*, em homenagem ao orixá Ogum.

No décimo sétimo dia, o último, acontece duas cerimônias, a primeira é quando o orixá transmite o seu nome e o iniciado passa a ter uma requalificação a partir do novo nome. A segunda cerimônia faz parte do processo de reaprendizagem das atividades da vida diária, uma reinserção do indivíduo na comunidade.

O reconhecimento do indivíduo como membro da comunidade do Candomblé no Brasil.

No Brasil o primeiro reconhecimento do indivíduo como parte do culto dá-se no momento em o futuro iniciado recebe o chamado de um orixá, este momento consiste em entrar em transe, frequentemente chamado de “bolar”. No decorrer de uma cerimônia quando os ritmos dos tambores são tocados, fazendo com que a pessoa caia sobre o solo ficando inerte, somente depois de ser levada a um local consagrado ao orixá a pessoa volta a si, este chamado pode ser de maneira mais sutil através de um sonho, da consulta ao jogo de búzios ou por sintomas de alguma doença.

O primeiro sinal material indicando a dependência de determinada pessoa ao orixá consistem em colocar um colar de contas de vidro com a cor branca, regido pelo orixá oxalá, em um momento posterior este colar é trocado para a cor que representa o seu orixá, neste momento o individuo recebe o nome de *abian*, a este é permitido frequentar as festas circular por algumas partes do terreiro, mas não tem conhecimento dos fundamentos do culto ao orixá.

A consagração no ilé asé obá Barú

No terreiro *Ilê axé Barú* o processo de consagração se inicia somente após a confirmação do desejo do orixá, utilizando a consulta do jogo de búzios.

O período para consagração demora 21 dias dentro do terreiro, mas antes disso já são realizados os primeiros preparativos como as listas e compras dos artigos que serão usados.

No dia primeiro de julho de 2008 entrei para ser consagrado como Ogam de Xangô, a primeira parte da consagração foi em uma oferenda à Exú, pedindo que este possa levar os cumprimentos aos orixás, e que não venham a atrapalhar o andamento dos trabalhos, pois acredita-se que se Exú não é agradado pelo primeiro, ele pode ficar enfurecido e acabar com tudo.

No segundo momento passei por uma limpeza espiritual na cachoeira que fica aos pés de uma grande pedra onde são evocados todos os orixás, em especial o orixá Xangô, que tem uma ligação com as pedreiras, segundo um dos mitos iorubas a ligação com a pedra se deu a partir de uma batalha travada com o orixá Ogum, foi à única vez em que xangô o ganhou em uma batalha, ele atraiu Ogum para a pedra e quando ele estava próximo Xangô lançou um trovão que provocou uma avalanche de pedras e soterrou o oponente, desde então Xangô possui uma ligação com a pedra e sempre atende quando é chamado nestes lugares, principalmente quando a pedra encontra um rio ou uma cachoeira domínios de Oxum. Assim acreditam que estão dando satisfação ao orixá dono do terreiro, do axé.

No momento posterior ocorre outro trabalho de limpeza espiritual, porém na praia, pedindo a Yemanjá que possa tranquilizar o futuro iniciado, somente depois ocorrerá o primeiro ritual dentro do terreiro. Este ritual chama-se *ebó* e consiste em passar a comida de todos os orixás, primeiro a comida de Exú, *padê*, que consiste em

uma farofa feita com dendê, depois bolos de *egún*, espíritos desencarnados, são feitos a partir de farinha com água e uma pedra de carvão, na sequência a comida de Ogum, feijão preto, depois Oxóssi, com milho com melado e coco, Ossain que leva batata doce, azeite de dendê e mel, Obaluaê, que come pipocas, Xangô com *agebó* uma comida feita com quiabo, azeite de dendê e peido de boi, Oxumaré que come amendoim cozido com casca e mel, Oxum, uma comida a base de feijão fradinho, azeite, camarão, ovo e mel, Iansã com acarajé, Nanã folha de mostarda com arroz, obá que divide a comida de xangô, Iroko com pães, Iemanjá que pode ser arroz branco com camarão e azeite e Oxalá, com canjica e açaá.

Esta limpeza é para que os Orixás tomem conta e tirem toda carga deixando o abian pronto para a consagração. Após este ritual o futuro iniciado toma um banho com as ervas destinadas ao seu orixá, veste roupas brancas e vai para um local recluso descansar. No meu caso, foram ervas destinadas ao Ogum, Yemanjá e Oxum. (Abrecaminho, espada de São Jorge, erva de Santa Luzia e Colônia).

Na noite do dia seguinte realiza-se a cerimônia de *borí*. *Orí* e a denominação da cabeça física, este ritual consiste em dar comida á cabeça.

“ Na maioria das esculturas africanas tradicionais , a cabeça é a parte mais proeminente porque na vida real, é a parte mais vital do corpo humano. Ela contém o cérebro – a morada da sabedoria e da razão; os olhos – a luz que ilumina os passos do homem...” Beniste José, Orun àiyé , o encontro de dois mundos pág 128

No ritual de *borí* é oferecido comida como frutas, doces, bolo, canjica, açaá, *obí*, peixe, um copo de água e um copo de vinho branco, um pombo branco e uma galinha d’a angola.

Primeiro, prepara-se a esteira sobre algumas folhas selecionadas pelo *Babalorixá*, depois forra com lençol branco. Na frente da esteira é estendida uma toalha, como uma mesa, sobre esta mesa é colocado a comida, que será oferecida ao *orí*. Durante este processo todos que estão participando cantam e rezam. *“Orí bó , Orí a pé’re mbo, bí wa temi , Orí bó, a dá mi wá’iyé mbo..”*

O orí se alimenta para atrair felicidade e sorte o orí se alimenta aquele que cria.

A cerimônia segue sem delongas, e quando chega ao fim o futuro iniciado divide as comidas que estão na mesa como todos os participantes.

No terceiro dia após o *borí* dá-se segmento aos rituais. É preparada uma maceração de algumas folhas escolhidas pela Yalorixá, mãe de santo, este momento é denominado de *Sàsáyin* (o canto das folhas). O ritual dar-se através de muitos cantos, cada canto relacionando uma folha a um orixá. Quando termina de macerar todas as folhas, elas são colocadas em um grande jarro de barro, e desta água o futuro filho de santo terá que tomar banho todos os dias na primeira hora. Somente depois deste período é que começa a assentar os orixás, este processo consiste na ideia de tornar material o sagrado através de objetos que serão consagrados a moradia do orixá.

A representação material do Orixá é chamada de “assentamento” que é constituído por um conjunto de artefatos que de alguma forma possuem alguma relação com o Orixá

“No momento em que um objeto é inserido numa consciência mítica, ele assume uma consistência religiosa e passa a ser utilizado como manifestação sagrada. Em consequência, esse símbolo se separa, isolado dos demais objetos, continuando a permanecer em sua condição normal. Nos ritos de Candomblé, alguns objetos só assumem condições sacras se confeccionados dentro de um conjunto de rezas...” (Beniste, José p.23)

O primeiro orixá a ser cultuado é Exú, e sua representação material, chamado de assentamento, leva um tridente de ferro sobre um monte de barro, guardando as particularidades de casa caso, este orixá fica ao lado de fora das casas de santo e seu alimento é de sangue animal o cabrito e frango.

No décimo dia, as relações ficaram mais estreitas entre o futuro iniciado e o orixá, é raspada a cabeça do abian pela mãe de santo e este recebe um *Kelé*, cordão de missangas na cor que representa o seu orixá, deixando de ser chamado de abian para se tornar um iaô (esposa do orixá).

Todos os dias, são seguidos como um ritual onde no primeiro horário o *Iaô* toma banho com as ervas, saúda a todos os orixás com rezas que lhe são passadas pela mãe criadeira e membros mais velhos do terreiro, e na parte da tarde é pintado por todo corpo com pequenas marcas de tinta azul, branca e vermelha.

Quando chega a noite, são montadas as representações materiais, os assentamentos dos demais orixás que acompanham o filho de santo que está se iniciando tendo o seu ápice quando chega enfim ao orixá da cabeça.

Na madrugada do vigésimo primeiro dia, que antecede a festa da saída de santo, é o momento mais esperado para os membros do terreiro, pois neste dia irá enfim se concretizar a união entre o *Iaô* e seu orixá. Esta cerimônia é secreta e só os membros que possuem cargo no terreiro ou pessoas convidadas pela *Ialorixá* (mãe de santo) podem assistir.

Nesta celebração são utilizados diversos animais, sendo a galinha d'angola especial, pois está ligada ao fundamento da iniciação. Assim que acaba este ritual iniciam-se os preparativos finais para a grande festa, o término do ritual da iniciação.

A festa tem um teor simbólico muito importante. São convidados todos os representantes dos terreiros próximos e realmente é de grande prestígio para a comunidade, pois representa o nascimento de um Orixá. No início da festa, três atabaques de tamanhos diferentes, denominados *rum*, *rumpi* e *lé*, acompanhados de um sino de percussão chamado de agogô, tocam apelos às divindades, são entoados cantos seguindo a ordem, hierárquica iniciando pelo orixá Exu seguindo Ogum, Oxóssi, Ossain, Oxumaré, Iroco, Obaluaê, Xangô, Oxum, Logum, Yemanjá, Obá, Ewa, Nanã e Oxalá. A este momento dá-se o nome de *Xirê*.

O toque dos atabaques desempenha um duplo papel, essencial nas cerimônias, o primeiro papel é o de chamar os orixás, quando os transes de possessão se realizam, o segundo papel é de transmitir a mensagem, ou seja a ordem que vai seguir a cerimônia.

A festa de “saída de Iaô” consiste em uma cerimônia especial, com um ritual particular que a diferencia das outras que ocorrem no terreiro. Pois o iniciado terá que realizar três aparições públicas durante a festa.

A primeira é destinada a saudar o orixá oxalá, é uma saída com roupas brancas, o Iaô entra enquanto os Ogans cantam:

“ *oni sàà wurê, aun laxé, oni sàà wurê obeè ri omó, oni sàà wurê aun laxé babá oni sàà wurê obeé ri omò aun laxé ô* ”,

“senhor do tempo, rogamos bênçãos e axé, senhor do tempo assim novamente senhor do tempo rogamos benção ao Pai,”.

O *Iaô* de cabeça baixa faz reverência aos locais sagrados do terreiro a mãe de santo e recolhe novamente. Dando sequência ao *xirê*, o canto aos orixás.

O segundo momento que é muito esperado, é a saída do orukó (nome), também chamada "saída do *ekodidé*", esse momento o orixá revela publicamente seu nome secreto, que é parte de si mesmo. É um momento de grande emoção, acompanhado suspense, estimulado pelos outros filhos de santo, que geralmente "viram" (entram em transe) ao ouvir o nome. Dito o *orukó*, os atabaques imediatamente começam o *adarrum* (ritmo muito acelerado) e o orixá é levado para vestir suas roupas de rum (dança), ou seja, suas vestes típicas e suas "ferramentas" para voltar e dançar, pela primeira vez, em público.

No momento da terceira saída é entoado:

“Àgo l’óna e dide máa d’aago Àgo l’óna e dide máa yo k’orò wà níse o” que em uma tradução não literal; Com licença no caminho, levantem-se, eles estão chegando, na hora de costume, levantem-se com alegria habitual que o ritual teve trabalho

No fim da cerimônia todos os participantes são chamados para um jantar, uma grande comunhão da sociedade que é um momento muito farto, com muita alegria, num clássico momento de troca entre as comunidades. Os candomblecistas acreditam que dividir as comidas da obrigação, iniciação, entre os membros e os convidados traz prosperidade para a casa de santo e para a vida de todos que foram prestigiar.

A diferença entre a cerimônia para os orixás na África e no novo mundo decorre, sobretudo, de que, na primeira, evoca-se apenas um orixá durante uma festa celebrada em um templo reservado para ele, enquanto no Brasil, vários orixás são chamados em um mesmo terreiro durante uma mesma festa. Outra diferença é que na África apenas uma pessoa sofre possessão enquanto no Brasil podem ocorrer em diferentes pessoas ao mesmo tempo.

A grande festa acaba, porém as obrigações do não, pois este precisa passar pelo processo de ressocialização, ficará algum tempo, determinado pelo dirigente do centro, usando roupas brancas e contas do seu Orixá sem poder exercer em sua plenitude todas as atividades da vida cotidiana. É como se precisasse de um período de maturação da relação criada com a divindade, e depois disso assim como na África, o indivíduo passa a realizar o reaprendizado das atividades.

Conclusão

A religião de culto aos Orixás e o estudo dos contos, ritos e mitos africanos, nada fica a dever às mitologias greco-romana, inca, egípcia e oriental em matéria de encanto e originalidade, porém um fato claramente observável é de que os Deuses africanos aparecem em segundo plano, ou ganham pouco destaque no estudo acadêmico. Como justificar o desinteresse por uma deusa tão graciosa como Oxum ou um orixá tão forte e audacioso como Ogum. Histórias ligadas à formação cultural do povo brasileiro, influências culturais que vão além da religiosidade e ao surgimento do Candomblé.

Podemos acreditar que possivelmente a explicação possa estar no fato da mitologia africana fazer parte de uma cultura viva que esta em constante processo de formação, e ainda hoje, pode ser vista na religião, e por ser vista desta forma desperta um grande preconceito.

Os casos de intolerância religiosa que sempre existiram, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis tornando-os públicos, conforme atestam as frequentes notícias de jornais que são registrados em diferentes partes do Brasil. O panteão afro-brasileiro é especialmente alvo destes ataques, sobre tudo o Orixá *Exú*, que foi inicialmente associado com o diabo cristão e a falta de conhecimento faz com que esta associação continue até os dias de hoje. Existe uma grande quantidade de informação difundida no intelectual coletivo que não procedem com a realidade, porém ganham adeptos pelo total desconhecimento do assunto.

Estes fatos só corroboram a tese de que precisa haver uma aproximação da sociedade, em especial os formadores de conhecimento acadêmico, com a comunidade

candomblecista. Certamente podemos contar como um primeiro passo a recente decisão do ministério da educação seguindo o decreto federal de nº 10639 que torna obrigatório a inclusão da temática “história e cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

A relevância cultural deste trabalho vem do intuito de ressaltar a importância do candomblé para além dos méritos religiosos, pois este deixou um legado cultural que passou por diversos campos artísticos, como a música, as artes plásticas e a literatura. Acredito que trazer para o meio acadêmico discussões a respeito da cultura afro-brasileira através de um artigo que tem como tema central a religião brasileira conhecida como candomblé, pode contribuir para o fim da intolerância religiosa e o preconceito.

Referências Bibliográficas

AURÉLIO: Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, editora positivo, 2010.

BAUMAN, ZIGMUND. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual

BENISTE, José. Mitos Yorubás : *o outro lado do conhecimento*. Rio de Janeiro, Bertrand, 2008

BENISTES, José. Òrun-Àiyé: *o encontro de dois mundos*. Rio de Janeiro, Bertrand, 2008

BRAGA, julio. *A cadeira de Ogã e outros ensaios*. Pallas, 2005

DaMatta, Roberto. *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. Rio de Janeiro. Rocco, 2010.

ELIADE, MIRCEA. Mito e realidade - São Paulo, ed perspectiva S.A 1972.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala, Rio de Janeiro, Record, 2001.

PEIRANO, MARIZA. Rituais ontem e hoje- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003

PRANDI, REGINALDO. Mitologia dos orixás – São Paulo: companhia das letras ed. 2002.

RODRIGUES, NINA. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935^a.

RODRIGUES, NINA. *Os africanos no Brasil*. São Paulo

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses Iorubás na África e no novo mundo*. Salvador Rio de Janeiro: corrupio, 2002.

VIANNA, HERMANO. O mistério do samba, Rio de Janeiro 1995.